



## O Percurso da Angústia na Psicanálise

Andréa Fernandes<sup>i</sup>

A relação das mulheres, desde os primórdios da psicanálise, pode servir de bússola acerca do papel da angústia no trato com o inconsciente? Freud propôs o termo neurose de angústia nas histéricas e destacou a conexão da linguagem com a angústia. Lacan dirá que a mulher, “uma vez que seu vínculo com o nó do desejo é bem mais frouxo”, se revela “superior no campo do gozo”<sup>ii</sup>. Isso pode criar condições para que a mulher venha a saber fazer com o inconsciente e com a não relação sexual, no percurso da angústia na análise?

Lacan aborda essas questões pelo gozo feminino, suplementar, e sustenta que a lógica fálica não regula todo o campo do gozo, há uma parte dele que não passa pelo simbólico, que permanece real, fora do simbólico. Através de dois recortes de casos, examinarei essas perguntas.

As histéricas de Freud promoveram o surgimento da psicanálise dado o exílio da extimidade do gozo ao corpo. Em Freud, essa extimidade contemplou o enigma acerca do desejo feminino. Ele se indaga sobre a relação entre o desejo feminino e o final da análise nas mulheres e apresenta o *Penisneid* como seu limite teórico-clínico. Lacan dá um passo a mais ao se dedicar ao campo do gozo e, com isso, atribui à angústia uma função de mediação, na clínica, ao situá-la entre o desejo e o gozo.

Alguns paradoxos foram delineados por Lacan acerca da relação das mulheres com o desejo e o gozo, a angústia tendo aí um papel a ser considerado. A clínica revela que, no início da análise, o dizer da demanda pode deixar entrever a não relação sexual, e a angústia que daí decorre pode permitir à mulher avistar a opacidade do desejo do Outro. O Outro, longe de ser o lugar onde a verdade balbucia, revela-se como “aquilo com que a mulher fundamentalmente tem relação”<sup>iii</sup>.

De fato, a relação essencial com a angústia é com o desejo do Outro. Para o falasser, ela advém pelos detritos de alíngua, antes da entrada na linguagem, o que condiciona ser a linguagem uma elucubração de saber sobre alíngua, que demonstra que o inconsciente não está a serviço da comunicação, do sentido.



O Outro da linguagem, além de fala, é um corpo, corpo que desde sempre é impossível gozar na sua totalidade, resta, então, a cada ser falante se haver com as pulsões parciais, fundamentais à constituição do sujeito a partir da questão: que quer o Outro de mim? Na contingência do que se ouve e se vê, o sujeito se constitui como corpo falante e virá a responder pela sua posição subjetiva. É no laço com a linguagem, com o significante, que a subjetividade se esboça, assim como o gozo e a angústia, ambos singulares a cada falasser.

Uma mulher faz uma segunda demanda de análise. Chegou à primeira por meio de uma demanda de análise para um filho. O casamento está, mais uma vez, em crise e ela reconhece precisar de ajuda para se separar do marido. Segue elaborando a “separação necessária”, como nomeia. Traz como marco da sua história uma “fissura de maternidade”. Sua mãe, recém-parida da paciente, sentindo-se bastante pressionada, como mãe e mulher, pelo marido e pela família, decidiu abandonar o lar. Ela própria passou por uma pressão semelhante recém-casada, e seu movimento foi retornar ao seio da família, tal qual a mãe o fez, atuação que fortaleceu o discurso do Outro.

Um outro filho apresenta dificuldades, a paciente demanda que a analista o acolha em análise. Ele é encaminhado a outra analista. Entretanto, a paciente decide retomar o antigo projeto de mudar de cidade com toda a família. A análise é suspensa.

O desejo do Outro é aquilo com que a mulher tem mais relação, pois, na relação dual com a criança, ela tem acesso àquilo “que falta ao sujeito masculino, o próprio objeto de sua existência, aparecendo no real”<sup>iv</sup>. Sobre o gozo e o desejo da mulher, através das fórmulas da sexuação, Lacan mostra como, n’A mulher (A barrado), o gozo tem dois vetores: um que vai na direção do gozo fálico (-  $\Phi$ ) e outro que vai na direção do S(A barrado). Sobre esse outro gozo, feminino, Lacan declara que “na medida em que está nela mesma, não se conjuga com o Outro”<sup>v</sup>.

Tal fato põe em destaque que, numa análise, o desejo do analista deve “deixar o vazio em que existe a angústia”<sup>vi</sup> ser uma **força** motriz. Logo, o esforço de elaboração do Outro, na obra de Lacan, tem uma orientação para a política da psicanálise.

Algumas mulheres assumem uma dedicação, quase exclusiva, à maternidade na impossibilidade de lidar com o gozo outro, feminino. Dessa forma, os filhos absorvem

XII ENCONTRO DA INTERNACIONAL  
DOS FÓRUNS  
VIII ENCONTRO INTERNACIONAL DA ESCOLA  
DE PSICANÁLISE DOS FÓRUNS DO CAMPO  
LACANIANO

1 - 5 MAIO 2024

AN  
GÚSTIA  
TIA

COMO  
FAZÊ-LA  
FALAR?

EPICL  
MAISON DE LA CHIMIE  
28 BIS RUE SAINT-DOMINIQUE  
75007 PARIS - FRANCE

muito de suas libidos levando-as, muitas vezes, à exaustão, numa tendência de tudo controlar, sede de um desejo sempre insatisfeito. Reproduzem pela fantasia o lugar que imaginam ter ocupado no desejo do Outro. Uma relação, um casal, inseparável que, de forma contingente, promove angústia. Evidência de que a fantasia tem a mesma estrutura da angústia.

Uma mulher, bastante submetida aos ditames da família sobre a função materna, procura análise para seu filho. Nas entrevistas iniciais, surge o quanto o filho a divide enquanto mãe e mulher. Em reiterados momentos, diz que não vai dar conta de continuar a análise, boa parte da sua fala é para acusar o Outro do que não funciona, levando a um tensionamento da relação com o filho e o ex-marido.

Começa então a trazer, na sua fala, o gosto pela desordem. Significante vindo do Outro em tom depreciativo à sua pessoa, mas a que ela dá um sentido novo, no qual “fazer arte” lhe permite ir se descolando dos imperativos do Outro. Em paralelo, a castração do pai, não podendo mais ser velada pelo discurso materno, traz à tona a mãe como mulher e suas escolhas. A partir daí, uma separação do Outro se opera, e a paciente vai se apropriando de um gozo outro, feminino, que a torna mais livre com relação ao inconsciente.

O cortejo da angústia ensejou a insubmissão ao Outro. A analisante segue seu caminho, na análise e na vida, pautada por um desejo advertido quanto ao modo como goza do inconsciente na medida em que o seu inconsciente o determina com liberdade e responsabilidade pela sua posição subjetiva.

Essa liberdade teria fomentado Lacan a apostar no passe? Aposto de que algo da liberdade das mulheres com o inconsciente pudesse passar a despeito do Outro?

XII ENCONTRO DA INTERNACIONAL  
DOS FÓRUNS  
VIII ENCONTRO INTERNACIONAL DA ESCOLA  
DE PSICANÁLISE DOS FÓRUNS DO CAMPO  
LACANIANO

1 - 5 MAIO 2024

AN  
GÚS  
TIA

COMO  
FAZÊ-LA  
FALAR?

EPFCL

MAISON DE LA CHIMIE  
28 BIS RUE SAINT-DOMINIQUE  
75007 PARIS - FRANCE

<sup>i</sup> AME da EPFCL, Membro do Fórum Salvador (EPFCL-Brasil), Doutorado em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise (Paris 7).

<sup>ii</sup> Lacan, J. *O Seminário: A angústia* [1962-1963]. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. p. 202.

<sup>iii</sup> Lacan, J. *O Seminário: Mais, Ainda* [1972-1973]. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 108.

<sup>iv</sup> Lacan, J. Nota sobre a criança [1969]. In: \_\_\_\_\_. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 370.

<sup>v</sup> Lacan, J. *O Seminário: A angústia* [1962-1963], op.cit., p. 330.

<sup>vi</sup> Id., *ibid.*, p. 18.